

GESTICULAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES PARA A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Andréa Tôrres Vilar de Farias¹
Angélica Torres Vilar de Farias²

Resumo: Define-se como gestos qualquer movimento de uma ou mais partes do corpo realizado pelo indivíduo e expresso numa configuração espacial (LAVÉ e BECK, 2001) fazendo uso da imagem visual e mimética para conduzir uma mensagem. Objetivamos discutir sobre o papel da gesticulação no processo de aquisição da linguagem numa abordagem multimodal, baseados em afirmações de que o gesto e fala formam uma única matriz cognitiva. Buscamos compreender como acontece o funcionamento gesto-vocal na aquisição da linguagem da criança por meio de interações com mãe. Os dados obtidos nos confirmam um funcionamento multimodal da linguagem da criança em que o contínuo gestual acompanha o da fala, evidenciando uma integração entre ambos durante o processo de aquisição da linguagem.

Palavras-Chave: Gesticulação. Aquisição da linguagem. Interação.

GESTICULATION: CONTRIBUTIONS TO THE ACQUISITION OF LANGUAGE

Abstract: Is defined as any movement gestures of one or more parts of the body carried by the individual and expressed in a spatial configuration (LAVÉ and BECK, 2001) making use of the visual image and mimetic to carry a message. We aim to discuss the role of gesticulation in the process of language acquisition in a multimodal approach, based on statements that gesture and speech form a single cognitive matrix. We sought to understand how gesto-vocal functioning occurs in the acquisition of children's language through interactions with the mother. The data obtained confirm a multimodal functioning of the language of the child in which the gestural continuum accompanies speech, evidencing an integration between both during the process of language acquisition.

Keywords: Gesticulation. Acquisition of language. Interaction.

¹ Doutoranda em Linguística, pela Universidade Federal do Da Paraíba - UFPB. E-mail andreatvilar@gmail.com

² Doutoranda em Linguística, pela Universidade Federal do da Paraíba - UFPB. E-mail angelvilar10@gmail.com

Palavras iniciais

Nos últimos anos, algumas inquietações sobre a gesticulação e o processo de aquisição da linguagem têm ganhado destaque. De acordo com Kendon (1982), hoje mais do que nunca a atenção se volta para os gestos, pois há um crescente reconhecimento de que nossas noções básicas do espaço, da natureza dos objetos físicos, de tempo, o nosso sentido de como vemos as coisas, depende de uma maneira profunda sobre os fatos de nossa existência no mundo como seres corpóreos (KENDON, 1982). E assim começamos a enxergar a 'linguagem' não como um sistema abstrato, mas fundamentada em ação prática, em ação corporal visível tendo os gestos como parte integrante dessa ação corporal.

Kendon (1982) define gestos como os «atos visíveis» que empregamos ao dizermos algo para o outro. No nosso dia a dia são inúmeras as situações que recorremos aos gestos para nos expressar, para nos ajudar na nossa comunicação, a exemplo, quando precisamos chamar atenção de outra pessoa, ou através do uso de metáforas para expressar ideias abstratas. Também podemos por intermédio dos gestos demonstrar afirmação ou negação, mostrar que estamos fazendo uma pergunta, que estamos com dúvidas ou que entendemos algo. Quando estamos distantes um do outro e não podemos ser ouvidos ou entendidos também recorremos aos gestos para nos comunicar.

Quando o foco volta-se para as nossas relações um com o outro destacamos que o gesto assume grande importância, pois recorremos a ele para nos saudarmos, demonstrar carinho por meio de abraços, beijos, etc. Também podemos, a partir dos gestos, demonstrar raiva, hostilidade, superioridade ou subordinação. Destacamos ainda a utilização dos gestos em situações mais pontuais como no caso da surdez, na qual não é possível

usar a voz e recorre-se aos gestos como forma de linguagem.

Estudos direcionados aos “gestos” têm uma longa trajetória, não é recente. A partir do século XVII muitos livros foram publicados acerca deste tema. De acordo com Kendon (1982), o primeiro é um volume de Giovanni Bonifacio, publicado em Vicenza, Itália em 1616. Ainda segundo o autor, no século XVIII os gestos atraíram interesse também dos filósofos e foram considerados a primeira forma de linguagem. Muitos pesquisadores e estudiosos ainda consideram válido esse pensamento.

No século XIX, em diferentes partes do mundo as práticas gestuais dos povos começaram a ser descritas pelos antropólogos, o que acabou deixando em evidência o fato de que os seres humanos se diferenciam, ou se assemelham uns dos outros na forma como eles usam gestos. Alguns estudiosos, por exemplo, Edward Tylor, da Inglaterra, consideram que o estudo dos gestos da humanidade é de importância para o estudo da mente humana, sobre como podemos organizar nossos pensamentos.

Hoje o estudo dos gestos se apresenta como um campo de estudo acadêmico despertando interesse de muitos pesquisadores envolvendo variados temas e sua relação com os gestos, como por exemplo, a utilização dos primeiros gestos pelos bebês no processo de comunicação.

Para Kendon (1982) um ponto que tem despertado bastante interesse entre os estudiosos da área é pesquisar se o gesto pode ser visto como uma forma de expressão universal ou não. A indagação foca justamente em saber se cada cultura tem seus gestos próprios e suas formas de expressão gestual.

É nesse cenário de estudos voltados para a gesticulação que a atenção recai para estudos sobre quando e como bebês e crianças utilizam o primeiro gesto, faz uso da capacidade de usar a linguagem e

se desenvolver. Surgem então pesquisas voltadas para a aquisição da linguagem.

Discutiremos aqui sobre o papel da gesticulação no processo de aquisição da linguagem numa abordagem multimodal de acordo com o que propõem Kendon (1982), McNeill (1985), Cavalcante (2009, 2012), entre outros. Para tanto, partimos da seguinte indagação: Por meio da interação com a mãe como acontece o funcionamento gesto-vocal na aquisição da linguagem da criança?

Visando responder nosso questionamento definimos os seguintes objetivos:

Geral: discutir sobre o papel da gesticulação no processo de aquisição da linguagem numa abordagem multimodal, baseados em afirmações de que o gesto e fala formam uma única matriz cognitiva.

Específicos: discutir sobre o processo de aquisição da linguagem e seu percurso histórico; apresentar e compreender a tipologia prosódico-vocal na aquisição da linguagem; discutir sobre a tipologia gestual na aquisição da linguagem e a matriz gesto e fala; analisar transcrições de alguns trechos de interação mãe-bebê filmados naturalmente na casa da mãe.

Para estudarmos sobre o funcionamento multimodal da aquisição da linguagem usamos dados de transcrições de gravações feitas de interação entre mãe e uma bebê de um ano e oito meses filmados naturalmente na casa da mãe e discutiremos sobre o processo de aquisição da linguagem, a tipologia prosódico-vocal, a tipologia gestual na aquisição da linguagem e a matriz gesto e fala, haja vista que a gesticulação dentro da proposta de Kendon (1982) envolve os gestos que surgem ao longo do fluxo da fala buscando, assim, garantir sua continuidade.

As gravações foram feitas durante três horas por dia em um período de uma semana. A pedido da mãe gravamos no período da noite. Por ela

trabalhar o dia inteiro, esse seria o melhor momento de contato e interação entre elas. Buscamos chamar a atenção o mínimo possível a fim de não interferir nos momentos de interação. De início a criança se mostrou curiosa com relação à câmera e a própria presença de outra pessoa no ambiente, mas com a frequência das filmagens a curiosidade foi ficando de lado, o que facilitou na coleta dos dados.

Diante dos dados coletados abordamos sobre o funcionamento multimodal, gesto-vocal, que se torna de extrema importância para compreensão da aquisição da linguagem.

Estudos em aquisição da linguagem: uma síntese do percurso

De acordo com Faria (2012, p.12) a aquisição da linguagem “está inserida na área da psicolinguística que teve origem na junção de dois campos de estudo: psicologia e linguística”. Não é um tema recente, há bastante tempo vem despertando interesse seja de estudiosos ou até mesmo de leigos no que diz respeito à natureza, funcionamento e desenvolvimento. Isso porque o estudo da aquisição da linguagem pode contribuir muito para a compreensão sobre o desenvolvimento da criança, haja vista que algum tempo atrás estas eram consideradas seres incompletos, que não detinham da faculdade de linguagem.

Indagações variadas surgiam a respeito do processo de aquisição da linguagem como por exemplo, a necessidade de pesquisar sobre como a criança bebê que inicialmente não fala e que relativamente por volta dos três anos de idade já tem adquirido a linguagem tornando-se um falante fluente em sua língua.

Entre o século XIX e início do século XX, as pesquisas sobre o tema não eram tão sistemáticas. “Tanto linguistas quanto psicólogos, seja por interesses profissionais ou pessoais, observavam, geralmente, o processo de aquisição da linguagem

de seus próprios filhos” (COSTA FILHO et al. 2014, p.12) .

Foi apenas no século XX que tivemos avanços maiores relacionados aos estudos de aquisição da linguagem. Muitos atribuem tais avanços à corrente Behaviorista da Psicologia, representada por B.F. Skinner, pois foi devido a questionamentos do linguista norte-americano Noam Chomsky quanto aos princípios da teoria behaviorista de que a aquisição da linguagem era parte do condicionamento do comportamento, que mais impulsionaram pesquisas referentes à aquisição da linguagem. Nesse direcionamento Noam Chomsky adota uma perspectiva inatista representada pelo gerativismo, a qual concebe a linguagem como uma capacidade mental inata.

De acordo com essa abordagem defendida por Chomsky (1998) a aquisição da linguagem é inerente aos humanos e que todos nós já nascemos com um dispositivo biológico e mental para a linguagem, ou seja, a linguagem humana só existe devido a um mecanismo com a capacidade de desenvolver a língua denominada Gramática Universal (GU).

Nessa perspectiva da Gramática Universal (GU) cuja natureza é biológica, ao nascermos como humanos, já carregamos conosco essa capacidade interna, orgânica de desenvolver uma língua. Portanto, a Gramática Universal consiste em “um mecanismo inato responsável pela aquisição da linguagem” (QUADROS, 2008, p. 45).

Por volta de 1970 e 1980, contrário ao inatismo de Chomsky que entendia a linguagem como modular, Piaget defende a vertente cognitivista ou cognitivismo construtivista vendo a linguagem como “uma das tantas formas de conhecimento que integram a cognição humana. Não há, pela ótica dessa vertente, um órgão específico para a linguagem” (COSTA FILHO et al. 2014, p. 38). Para Piaget, a criança constrói seu conhecimento a partir da experiência com o mundo físico.

Scarpa (2004, p.210) enfatiza que, na concepção de Jean Piaget, o aparecimento da linguagem se dá na superação do estágio sensório-motor, por volta dos 18 meses, e a criança passa desenvolver a função simbólica em que é possível usar um significante para representar um objeto significado.

Piaget defende que o desenvolvimento cognitivo da linguagem infantil ocorre por meio de quatro estágios conforme apresenta Costa Filho et al. (2014, p. 40): Sensório-motor, de 0 a 18/24 meses, que antecede a linguagem. Para Santos apud Costa Filho et al. (2014, p. 40) “É nessa fase que a criança se mostra envolvida no egocentrismo, ou seja, não haveria uma indiferenciação entre sujeito e objeto ao ponto em que o primeiro não se conhece nem mesmo como fonte de suas ações”. Em outras palavras, a criança não seria capaz de compreender-se como um sujeito dissociado do mundo; Pré-operatório, de 1;6/2 anos a 7/8 anos, fase das representações, dos símbolos. Na linguagem, os signos linguísticos (convencionalmente constituídos) passam a incorporar sua cognição, o que leva a criança a entender a existência das coisas, mesmo que não estejam em seu campo de visão. Operatório-concreto, de 7/8 a 11/12 anos, estágio da construção da lógica; Operatório-formal, de 11/12 anos em diante, fase em que a criança raciocina, deduz etc.

Como em toda teoria o modelo piagetiano também foi alvo de críticas. A principal delas foi o fato de Piaget não ter considerado “o papel que o social tem no desenvolvimento da criança” (SCARPA, 2004). Nesse sentido, ganha destaque a vertente do Interacionismo social (ou sociointeracionismo) interesse de autores como: Vygotsky (1984) e Tomasello (2003).

Essa vertente defende que a linguagem é construída a partir de trocas sociais e da interação da criança com o outro. Nessa perspectiva, a linguagem é vista como um espaço em que a criança

se constitui como sujeito. Uma das características dessa teoria é não pretender “[...] analisar princípios de base gramatical em produções de crianças em fase de aquisição da linguagem, pois o que se tem como unidade de análise é o diálogo, trocas comunicativas por meio das quais a criança se insere na linguagem” (COSTA FILHO et al. 2014, p.51).

Defendendo o sociointeracionismo Tomasello (2003, p. 113) concebe a linguagem como uma “instituição social simbolicamente incorporada que surgiu historicamente de atividades sociocomunicativas preexistentes”. Para ele a linguagem, assim como outros elementos culturais, é uma “[...] instituição humana que foi se desenvolvendo historicamente a partir de relações e atividades sociocomunicativas” (FARIA, 2012, p. 21).

Tomasello (2003) defende os bebês como seres sociais desde que nascem. E que desde os nove meses de idade a criança compreende os outros como seres intencionais, sendo que antes dos nove meses, por volta dos seis meses, esta interage “diadicamente” com pessoas e objetos. Nas palavras do autor:

Entre nove e doze meses de idade começa a aparecer um novo conjunto de comportamentos que não são diádicos, como aqueles primeiros comportamentos, mas triádicos no sentido que envolvem uma coordenação de suas interações com objetos e pessoas, resultando no triângulo referencial composto de criança, adulto e objeto ou evento ao qual dão atenção (TOMASELLO, 2003, p.85).

O autor considera a interação da criança não só com outras pessoas, mas também com objetos.

A aquisição da linguagem para Tomasello se fundamenta em duas bases que se dão no social: a sociocognitiva e a sociointerativa. Na sociocognitiva,

“[...] a criança nasce propensa à adaptação para a cultura e esse aspecto é percebido entre os 9 e 12 meses, quando dá sinais de compreender o outro. Duas ideias decorrentes da adaptação: essa habilidade emerge na interação e leva a perceber a intenção comunicativa. Porém, para que isso ocorra, entra em jogo um elemento importantíssimo da teoria de Tomasello: as cenas de atenção conjunta, pois a compreensão só pode ocorrer numa atenção conjunta” (FARIA, 2012, p. 230).

Sobre a base sociointerativa convém destacar que para adquirir a linguagem, a criança precisa estar inserida em um contexto de atividades sociais estruturadas para que possam ampliar o seu vocabulário, aprendendo novas palavras.

Aquisição da linguagem e a tipologia prosódico-vocal

Para um melhor entendimento sobre as interações gestos- vocais e considerando que a linguagem infantil abarca tanto os gestos quanto a expressão facial, o olhar, a produção vocal, etc, e que todos esses aspectos interagem de forma conectada numa perspectiva de multimodalidade, pois gesto e fala em contexto interativo não ocorrem distintamente, mas simultaneamente, apresentamos e caracterizamos a tipologia prosódico-vocal destacada por Barros (2012) e que caminham juntos no processo de aquisição da linguagem.

Linguisticamente, Barros (2012) considera momentos de funcionamento da fala da criança definidos como: balbúcio, jargão, primeiras palavras, holófrases e blocos de enunciados. Essa tipologia prosódico-vocal nos ajuda a compreender como funciona a produção vocal da criança em fase de aquisição da linguagem “atrelado” aos gestos.

Podemos definir balbúcio como a produção de sílabas no formato consoante - vogal, por exemplo, [ba, da, ma], sendo que estas sílabas

em variadas vezes são repetitivas e ritmadas (LOCKE, 1995).

Os tipos de vocalização do balbucio ainda são classificados como: balbucio canônico e balbucio variado. Nessa perspectiva, respectivamente, o primeiro seria aquele em que aparece uma sequência repetida de consoantes e vogais. O segundo seria uma sequência de consoantes e vogais que diferente do balbucio canônico não se repete, como por exemplo: [ada, ta, e] Oller (1980).

De acordo com Dore (1975) existe também o balbucio tardio, o qual diz respeito à fase em que a criança consegue produzir diferentes contornos relacionados a diferentes atos de fala, nessa fase a constituição de palavras são parecidas com as do adulto. Assim, linguisticamente o balbucio se define como uma produção vocal inicial na infância.

Sobre o jargão, Scarpa apud Fonte et al. (2014, p.05) apresenta-o como sendo o contorno entonacional que se expande a uma sincronia de sílabas ou até mesmo um fragmento maior composto por sílabas incompreensíveis. E o “balbucio tardio evolui para jargão quando a entonação é considerada mais madura e os contornos são preenchidos por sílabas tipicamente do balbucio”.

O período da infância considerado como o das primeiras palavras compreende a produção de enunciados de uma palavra que não se enquadram como balbucios e nem jargões. As sequências são mais curtas com relação às do jargão e apresenta “[...] um padrão silábico reconhecido como fazendo parte de um léxico primitivo” (FONTE et al. 2014 p.6).

Para Tomasello (2003), as primeiras palavras podem ser consideradas como holófrases, o que nos faz reconhecer as holófrases dentro do período das primeiras palavras reconhecíveis.

Scarpa (2009) apresenta o termo holófrase como os primeiros enunciados da introdução da criança na sua língua materna. “Na produção

da holófrase, temos a presença de estruturas predicativas nas quais um dos termos é verbal e o outro buscado no contexto linguístico mais amplo, através de gestos corporais” (SCARPA apud FONTE et al. 2014, p.07).

De acordo com Barros (2012) o período caracterizado como bloco de enunciados se define como o momento em a criança consegue elaborar perguntas, fazer pedidos, dar respostas de forma mais completa e significativa. É nesse período em que há uma alternância de holófrase e blocos de enunciados, com maior ênfase aos blocos de enunciados.

Integração gesto e fala

Gesto e fala se integram numa mesma matriz de significação e se relacionam nos fazendo perceber que o funcionamento da linguagem é multimodal (Kendon, 2000); McNeill (1985, 1992, 2000). McNeill (1985, p.11) afirma que “a ocorrência de gestos ao longo da fala implica que durante o ato de fala dois tipos de pensamento, imagístico e sintático, estão sendo coordenados”, se tornando, assim, partes de um único sistema linguístico.

Sobre a produção da fala e dos gestos enquanto processos independentes e distintos, Goldin-Meadow (2009, p.106) destaca que a fala passa o significado “contando com palavras codificadas e dispositivos gramaticais” (tradução nossa) e o gesto faz uso da imagem visual e mimética para conduzir uma mensagem.

Os gestos são definidos, por Laver e Beck (2001), como os movimentos de qualquer parte do corpo efetuados pelos sujeitos e expresso numa configuração espacial. Kendon (1982) destaca que é com o auxílio de gravações em vídeo de conversas comuns na vida cotidiana, que se está conseguindo muito progresso na compreensão de como as pessoas conseguem falar em conjunto, ou seja,

interagir, e na compreensão de como os gestos de todos os tipos desempenham um papel importante no estabelecimento, manutenção e progresso das interações e aquisição da linguagem.

Estudiosos têm se detido também para questões voltadas sobre os gestos, na intenção de compreender se estes podem ser vistos como forma universal de expressão ou se cada cultura, cada comunidade ou grupo cria suas próprias formas de expressão gestual, pois nas afirmações de Laver e Beck (2001), em uma comunidade falante, mesmo com a existência de gestos comuns estes podem variar de pessoa para pessoa.

Assim, Kendon (1982) desenvolve o estudo dos gestos enquanto atividade cognitiva. Já McNeill (2000, p. 1) defende o uso da expressão no plural: gestos. Porque segundo o autor há vários momentos em que precisamos diferenciar movimentos rotineiramente nomeados de gestos.

Buscando distinguir movimentos denominados de gestos, McNeill (2000) faz uso da classificação da tipologia gestual proposta por Kendon (1982) conhecida como contínuo

de Kendon. Nesse contínuo ele apresenta os seguintes gestos: gesticulação, pantomima, gestos emblemáticos e Língua de Sinais.

De acordo com Cavalcante e Brandão (2012, p.57) essa tipologia se define da seguinte forma:

A gesticulação caracteriza-se como o conjunto de gestos que acompanham o fluxo da fala, envolvendo braços, movimentos de cabeça e pescoço, postura corporal e pernas, possui marcas da comunidade de fala e marcas do estilo individual de cada um; a pantomima são gestos que ‘simulam’ ações ou personagens executando ações, é a representação de um ato individual, tem um caráter de narrativa, pois envolve uma sequência de micro ações; os emblemas ou gestos emblemáticos são aqueles determinados culturalmente (são convencionais) tais como o uso, em nossa cultura, do gesto que envolve a mão fechada e polegar levantado significando aprovação; a língua de sinais enquanto sistema linguístico próprio de uma comunidade.

Baseado em quatro contínuos Kendon (1982) classifica os gestos da seguinte forma: contínuo 1 (relação com a produção de fala); contínuo 2 (relação com as propriedades linguísticas); contínuo 3 (relação com as convenções), contínuo 4 (relação com o caráter semiótico). Conferimos essa classificação no quadro abaixo:

	Gesticulação	Pantomima	Emblemático	Língua de sinais
Contínuo 1	Presença obrigatória de fala	Ausência de fala	Presença opcional de fala	Ausência de fala
Contínuo 2	Ausência de propriedades Linguísticas	Ausência de propriedades Linguísticas	Presença de algumas propriedades linguísticas	Presença de propriedades Linguísticas
Contínuo 3	Não convencional	Não convencional	Parcialmente convencional	Totalmente Convencional
Contínuo 4	Global e sintética	Global e analítica	Segmentado e sintético	Segmentada e analítica

Quadro 1 – Tipos de gestos. Fonte: McNeill (2000, p. 5).

De acordo com McNeill (2000), de uma forma geral, a ausência da fala na produção do gesto correlaciona-se com a ausência ou presença de propriedades linguísticas convencionais. A tendência é que, na presença obrigatória da fala, como no caso da gesticulação, há ausência de propriedades linguísticas

e de caráter convencional, enquanto que na ausência obrigatória da fala, as propriedades linguísticas e o caráter convencional estão presentes, como nas Línguas de Sinais. Essa correlação, por sua vez, não se aplica à pantomima, que, segundo o autor, é produzida na ausência da fala e de propriedades linguísticas.

Verificando detalhadamente os tipos de gestos dentro do contínuo, da esquerda para a direita (Gesticulação – Pantomimas – Emblemáticos - Língua de Sinais), notamos que: a presença obrigatória de fala diminui; a presença de propriedades linguísticas aumenta; os gestos individuais são substituídos por aqueles socialmente regulados (CAVALCANTE; BRANDÃO, 2012).

Considerando que gesticulação pode ser caracterizada como o movimento de diferentes partes do corpo como pernas, braços, cabeça, ou seja, são todos os movimentos que acompanham o fluxo da fala, Cavalcante e Brandão (2012) constatam que a gesticulação é pequena nos primeiros meses de vida da criança, pois nesse período a vocalização do bebê é bem pontual.

Buscando discutir sobre o papel da gesticulação no processo de aquisição da linguagem numa abordagem multimodal, baseados em afirmações de que o gesto e fala formam uma única matriz cognitiva, apresentamos considerações feitas por Cavalcante e Brandão (2012), Nóbrega e Cavalcante (2012) sobre o funcionamento gesto-vocal nas interações mãe – bebê. Os autores apresentam considerações sobre o envelope multimodal que se constitui em uma mescla de olhar, produção vocal e gestos.

Por meio da noção de envelope multimodal Nóbrega e Cavalcante (2012) confirmam que na interação face a face as interações gestos-vocais acontecem simultaneamente ao uso do olhar.

Sobre a aquisição da linguagem numa fase bem inicial Fonte et al. (2014, p.14) apresenta dados longitudinais de uma díade mãe-bebê. Fundamentada nesses dados a autora destaca que nesse período, que tem o balbucio como uma das principais características, na maioria das vezes não se observa a presença de gestos emblemáticos e pantomímicos, mas somente a presença da gesticulação com movimentos ainda sem coordenação e imprecisos.

Em nossas filmagens a criança observada não se enquadra nesse período mais inicial de aquisição da linguagem, então para exemplificar esse período apresentamos aqui o fragmento³ destacado por Fonte et.al. (2014, p. 14).

TEMPO INICIAL	TEMPO FINAL	PANTOMIMA	HOLÓFRASE
00: 16: 51	00: 16: 54	mexe as mãos para cima e para baixo desordenadamente.	[i té nã aan..an...]

Fragmento I - Bebê (6 meses e 15 dias). Fonte: Fonte et.al. (2014, p. 14).

Nóbrega e Cavalcante (2012) destacam que no período inicial da linguagem, denominado balbucio (característica principal do balbucio é a produção de sílabas formadas por consoante e vogal, ex: bá,dá) acontece com frequência a presença da gesticulação, mesmo que seja uma gesticulação com movimentos sem coordenação e imprecisos, e que com o passar do tempo essa gesticulação passa a acontecer através de movimentos mais coordenados e precisos.

Reforçando a premissa de que gesto e fala estão juntos numa mesma matriz cognitiva e que evoluem mutuamente na aquisição da linguagem, apresentamos dados de gravações feitas da interação entre uma

³ Fragmento retirado do capítulo: A MATRIZ GESTO-FALA NA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: ALGUMAS REFLEXÕES, parte integrante do livro Aquisição, desvios e práticas de linguagem. (a sair) Ed. CRV , organizado por BARROS, I. et Cols., 2014.

mãe e uma bebê, filmadas naturalmente na casa da mãe. Usaremos a tipologia prosódico-vocal: balbucio, jargão, primeiras palavras, holófrases e blocos de enunciado. Para um melhor entendimento, definimos balbucio como a produção de “[...] sílabas que têm, tipicamente, o formato consoante vogal, por exemplo [ma, da, ba]. Tais sílabas são muitas vezes repetitivas e ritmadas (...). E jargões, apresentam uma variação maior de tons em comparação ao balbucio” (LOCKE apud Fonte et al. 2014.p.2).

Vejam os exemplos do fragmento abaixo:

CONTEXTO	PANTOMIMA	HOLÓFRASE
Mãe e pai na sala assistindo televisão, enquanto bebê (1 ano, oito meses e 11 dias) brinca com brinquedos espalhados pelo chão em frente a televisão. A mãe quer mudar o canal e não encontra o controle. Então pergunta ao pai se ele viu o controle. Diante da negativa do pai ela direciona a pergunta para a bebê, que em sua resposta observamos a presença da pantomima e da holófrase destacada	Balança o controle da televisão com a mão mostrando o controle a mãe.	[Ó...]

Fragmento II - Bebê de 1 ano e 08 meses e 11 dias.

Nesse fragmento podemos verificar a maior precisão dos movimentos juntos com novas aquisições da linguagem quando a criança ao mesmo tempo em que balança o controle da televisão pronuncia a holófrase: “Ó” com a intenção de falar “Olha aqui”.

De acordo com Scarpa (2009, p.1) holófrases são os primeiros enunciados da entrada da criança na sua língua materna com a presença de estruturas predicativas como o verbo, e também um contexto linguístico que envolve gestos corporais como: olhar, apontar, gesticular.

Observemos agora o seguinte fragmento:

CONTEXTO	GESTICULAÇÃO	BLOCO DE ENUNCIADO
Mãe está na cozinha fazendo a mamadeira para a bebê que estava com o pai na sala. A bebê chega na cozinha e mãe interage falando com a bebê que aponta na direção do filtro pedindo água. Nesse momento observamos a presença da gesticulação e bloco de enunciado.	Aponta na direção do filtro de água	[Dáaa ada!]

Fragmento III - Bebê de 1 ano e 08 meses e 11 dias.

Podemos observar blocos de enunciados na fala do bebê que acompanham a gesticulação integrados e em sincronia no funcionamento da linguagem. À medida que a criança aponta na direção do filtro de água ela pronuncia blocos de enunciados na intenção de pedir água.

Baseados em Cavalcante (2009) enfatizamos que a gesticulação ocorre com menos frequência a partir do momento em que a linguagem oral vai se desenvolvendo mais, ocorrendo aí uma maior produção de holófrases e blocos de enunciados. E aí o repertório de gestos vai se ampliando e se diversificando em parceria com a linguagem oral.

No contínuo gestual da criança observa-se o entrelaçamento a integração entre holófrase, blocos de enunciados e pantomima. Vejamos o exemplo abaixo em ocorre essa integração pantomima/ holófrase/ blocos de enunciados:

CONTEXTO	PANTOMIMA	HOLÓFRASE
A mãe e a bebê estaam no quarto da criança e no chão encontra-se espalhados diversos brinquedos e materiais de sucata como caixas e frascos, etc.A mãe conversa com a bebê chamndo para brincar com os brinquedos espalhados. Então a criança começa a pegar vários brinquedos. Pega alguns e não demonstrando interesse solta logo em seguida. Na sequência pega um frasco de maionse vazio com um formato comprido e fica observando e brincando com o mesmo. Nesse momento observamos a presença da pantomima e holófrase.	Movimenta um frasco de maionese em direção para a boca como se fosse uma mamadeira	[Gáaaau...]

Fragmento IV- Bebê de 1 ano e 08 meses e 13 dias.

]Nesse fragmento IV em que a criança produz a holófrase (gáaaau...) e a pantomima (um frasco de maionese em direção para a boca como se fosse uma mamadeira) representando que estava bebendo mingau, podemos confirmar a integração de gesto e produção vocal em uma mesma matriz de significação ao observamos que juntamente com a presença da fala acontece também a pantomima. De acordo com Cavalcante e Brandão (2012) “a pantomima pôde ser verificada em quase todas as idades analisadas tendo seu uso privilegiado aos 10 e aos 16 meses”. Nesse processo a mãe da criança tem um papel incentivador, ou seja, a mãe que incentiva a realização desse gesto. No entanto, mais ou menos a partir de 1 ano de idade a criança geralmente faz gestos pantomímicos já sem o incentivo da mãe.

Confirmando também a parceria simultânea entre gesto e fala observamos no fragmento V a sincronia entre gestos emblemático e holófrase. A medida em que a criança produz a holófrase (ummm!) ela realiza o gesto emblemático (levantando a mão até a boca simulando um beijo).

CONTEXTO	GESTO EMBLEMÁTICO	HOLÓFRASE
A mãe leva a bebê até o quarto colocando-a um pouco na cama para tomar a mamadeira. Quando a bebê termina de beber o mingau a mãe dá beijos e elogia a criança dizendo que ela está de parabéns porque tomou o mingau todinho. Nesse momento a bebê levanta a mão até a boca simulando um beijo, e aí observamos a presença do gesto emblemático e holófrase:	Levanta a mão até a boca simulando um beijo	[Ummm!]

Fragmento V- Bebê de 1 ano e 08 meses e 12 dias.

Os gestos emblemáticos ajudam a contextualizar a situação. Juntos: fala e gestos percebemos uma parceria temporal e semântica que expressam com mais precisão o sentido da mensagem. De acordo com Kendon (2000, p.54) “gesture often provides a context that makes a verbal expression more precise” (gesto frequentemente fornece um contexto que faz uma expressão verbal mais precisa [tradução minha]).

Sobre a integração entre gesto emblemático e blocos de enunciados vejamos o fragmento abaixo, onde podemos observar a produção gestual em consenso com vocal, ou seja, em uma mesma ocorrência de tempo evidenciando uma maior estruturação entre gesto e fala.

CONTEXTO	GESTO EMBLEMÁTICO	BLOCO DE ENUNCIADO
A Bebê estava deitada no sofá assistindo DVD quando a mãe chama pra tomar banho. A criança não gosta da ideia e no momento que a mãe insiste ela sai do sofá em direção contrária da mãe. Nesse momento verificamos a presença do gesto emblemático e bloco de enunciado:	Faz sinal de negação, correndo e mexendo a mão.	[Nam, Nam, Nãããã u u m mãã]

Fragmento VI - Bebê de 1 ano e 08 meses e 12 dias.

No fragmento acima observamos uma criança de 1 ano e 08 meses e 12 dias expressando uma vontade, através da fala e também do gesto, ambos em consonância e carregados de teor semântico, confirmando as afirmações de McNeill (2000) de que gesto e fala são semanticamente e pragmaticamente co-expressivos na interação.

Palavras finais

Quando falamos sobre a aquisição da linguagem numa perspectiva da multimodalidade, consideramos a comunicação como algo que vai muito além da linguagem verbal, pois ao nos comunicar com alguém não utilizamos apenas a linguagem verbal, utilizamos também os gestos, entonação de voz, movimentos etc, tudo em busca de nos fazer compreender nesse processo. Na concepção de McNeil (1985), na comunicação, gesto e fala não podem ser dissociados.

A importância dos gestos nas primeiras trocas comunicativas serve como referência nesse processo de interação com o adulto, que, fundamenta-se no comportamento gestual da criança para estruturar significação para os enunciados que o bebê ainda não é capaz de expressar verbalmente e que ela certamente não conseguiu compreender, assegurando, assim, a interação com o infante.

A produção vocal e gestual do bebê, respectivamente se inicia sem conteúdo semântico e com movimentos desordenados, apresentando

uma matriz gesto-fala ainda não estruturada para a significação da mensagem, o que caracteriza a gesticulação e o balbucio do bebê no momento inicial da aquisição da linguagem. Uma maior presença de gestos intencionais (panomímicos e intencionais) vai acontecer quando a criança começa a produzir holófrases e blocos de enunciados, nesse momento a gesticulação vai ocorrer com menos frequência. É através da interação mãe bebê que surgem os gestos significativos e a criança lança mão de gestos simbólicos com uma carga maior de comunicação usando palavras, holófrases ou blocos de enunciados significativos.

Cavalcante e Brandão (2012) consideram o papel da gesticulação como um dos primeiros sinais de fluência na fala e que a produção de gestos depende da fala para acontecer, tendo a função de garantir sua continuidade. Para as autoras a gesticulação acompanha a produção vocal do bebê no período aquisicional característico do balbucio, evidenciando que este tipo de gesto faz parte de uma mesma matriz cognitiva junto com a fala.

Os dados e também a literatura nos confirmam um funcionamento multimodal da linguagem da criança em que o contínuo gestual acompanha o da fala, revelando uma integração entre ambos durante o processo de aquisição da linguagem. Há uma relação bastante estreita e em sincronia entre gesticulação e fala, na qual a gesticulação se torna o início para o surgimento de outros gestos.

Referências

- BARROS, A. T. M. de C.. *Fala Inicial e Prosódia: do balbúcio aos blocos de enunciado*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.
- CAVALCANTE, M. C. B. A matriz gesto-fala em aquisição da linguagem: observando o diálogo em manhês. In: *vi congresso internacional da ABRALIN*, 2009, João Pessoa. Anais da ABRALIN 40 anos. João Pessoa : Idéia, v. 1. p. 2425-2434.
- CAVALCANTE, M. C. B.; BRANDÃO, L. W. P. *Gesticulação e fluência: contribuições para a aquisição da linguagem*. Cadernos de Estudos Linguísticos (54.1). Campinas, p. 55-66. Jan./Jun. 2012.
- DORE, J. Holophrases, speech acts and language universals. *Journal of Child Language*, 2. ed. 1975, 21-40.
- FARIA, E. M. de. Aquisição da Linguagem. In: FARIA, E. M. B. de; ASSIS, M. C. de. (Orgs.). *Língua Portuguesa e LIBRAS: teorias e práticas 6*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012, p. 11-46.
- COSTA FILHO, J. M. S. da; MEDEIROS, N. A. de; LEITE, A. C. R. de C.. *Aquisição da Linguagem*. João Pessoa: Editora IFPB, 2014, p. 11-71.
- FONTE, R. F. L. da; BARROS, A. T. M. de C.; CAVALCANTE, M. C. B.; SILVA, P. M. S. da. A Matriz Gesto-fala na Aquisição da Linguagem: algumas reflexões. In: BARROS, I. ET Cols. (Orgs.) *Aquisição, desvios e práticas de linguagem*. João Pessoa: Editora CRV, 2014.
- GOLDIN-MEADOW, S. How Gesture Promotes Learning Throughout Childhood. *Journal Compilation*. 3 (2): 106–111, 2009.
- KENDON, A. *The study of gesture: some remarks on its history*. New London: Recherches sémiotiques/semiotic inquiry, 1982.
- KENDON, A. Language and gesture: unity or duality? In: MCNEILL (ed.) *Language and gesture*, Cambridge University Press, 2000, p. 47-63.
- LAVER, J.; BECK, Unifying principles in the description of voice, posture and gesture. In: CAVE, C.; GUAITELLA, I. *Interactions et comportement multimodaux dans la communication*. Paris, L'Harmattan, 2001, p. 46-63.
- LOCKE, J. L. Desenvolvimento da capacidade para a linguagem falada. In: FLETCHER P.; MACWHINNEY B.(eds.) *Compêndio da Linguagem da Criança*. Trad. M. A . G. Domingues. Artes Médicas. Porto Alegre, 1995.
- MCNEILL, D. So you think gestures are nonverbal? *Psychological Review*. v. 92(3): 350-371, 1985.
- MCNEILL, D. *Hand and Mind: What Gestures Reveal About Thought*. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1992.
- MCNEILL, D. Introduction. In: MCNEILL, D. (ed.). *Language and Gesture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- NÓBREGA, P. V. Á.; CAVALCANTE, M. C. B. Aquisição de linguagem e dialogia mãe-bebê: o envelope multimodal em foco em contextos de atenção conjunta. In: *Revista Investigações*. v. 25, n. 2, p. 157-183, jul. 2012.
- OLLER, D. K. The emergence of the sounds of speech in infancy. In: *YeniKomshian, Kavanaugh. Ferguson*, 1980, p. 93-112.
- QUADROS, R.; FINGER, I. *Teorias da aquisição da linguagem*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.
- SCARPA, E. M. Aquisição da Linguagem. In: MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2004.

SCARPA, E. M. O lugar da holófrase nos estudos de aquisição da linguagem. *VI Congresso Internacional da ABRALIN*. Mesa-redonda os desafios /impasses da(s) /na(s) pesquisas em aquisição da linguagem. João Pessoa, março de 2009.

TOMASELLO, M.. *Origens Culturais da aquisição do conhecimento humano*. Tradução Cláudia Berlierer. – São Paulo: Martins fontes, 2003.

Submissão: 21 de junho de 2019

Aceite: 27 de novembro de 2019.